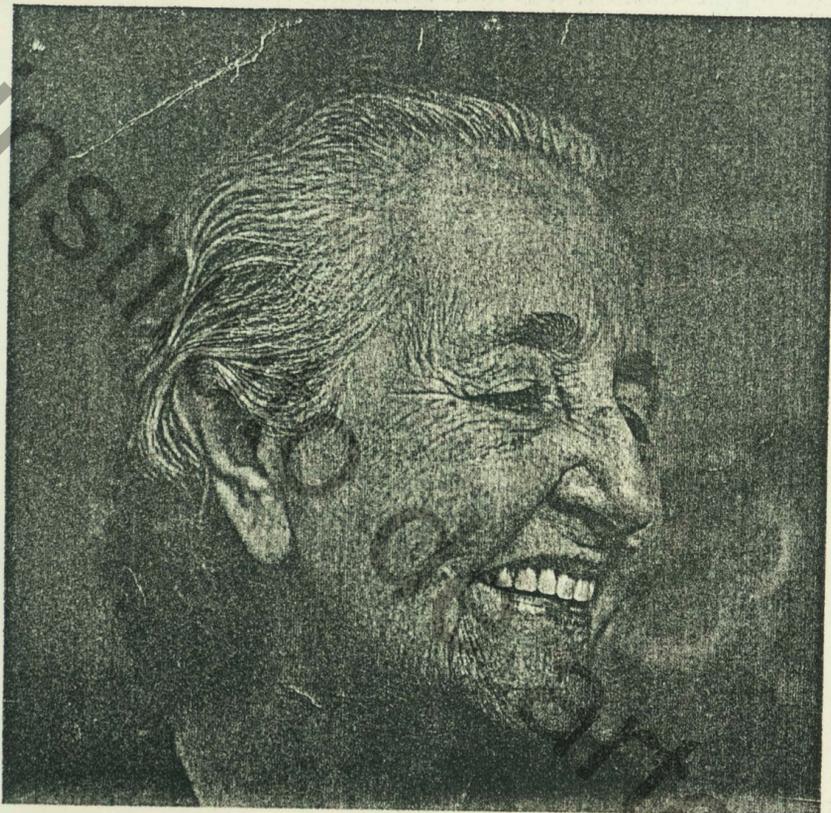


JORNAL: O Cruzeiro LOCAL: Quomalaria

DATA: 20 / 01 / 1971 AUTOR: _____

TÍTULO: A Arte começa aos 70.

ASSUNTO: Grauben aluna de Ivan



GRAUBEN:

O Cruzeiro 3

20 / 1 / 71

arte - pintura

Grauben Brasil

A ARTE COMEÇA AOS 70

07.11

"— As vezes acho que é tudo mentira eu ter começado a pintar. Mas não é não. — Com seus 81 anos e uma memória traiçoeira, Grauben não sabe o número exato de quadros que pintou, muitos expostos em galerias, museus e palácios. Só se lembra de que há onze anos não sabia pegar num pincel.

Fotos de DOUGLAS ALEXANDRE

Aos 70 anos, viúva, aposentada, mãe de três filhos adultos e casados, sua vida pingava como queriam os dias. Manhã, tarde, noite, tudo igual. Ao entardecer, fechava a porta do quarto, envergonhada pelas lágrimas — que a conheciam como mulher forte —, até que uma sobrinha a surpreendeu. Enxugando as lágrimas, disse-lhe que retornaria com um presente: uma caixa de pintura.

— Que tolice, nunca soube sequer desenhar e já estou velha demais para aprender. Nem crochê ou bordado eu conseguia fazer direito, jamais.

Dia seguinte, guardava cuidadosamente, uma caixinha de madeira, com vidros de guache e pincéis.

Agora, passados onze anos, Grauben toma um mingau branco, sem entusiasmo, em frente ao aparelho de televisão ligado. Pelas paredes do estúdio, vários quadros — alguns inacabados, outros secando —, uma foto onde aparece ao lado das irmãs e da mãe. Em destaque, um óleo de Ivan Serpa, o primeiro profissional a descobri-la e que a incentivou a assumir a pintura como profissão, a abandonar o guache pelo óleo, a cartolina pela tela, convencendo-a a frequentar o curso do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde seu colega mais velho não completara, ainda, os 23 anos. Hoje possui mais de 1.200 obras, espalhadas por todo o mundo.

PRIMEIRO TEMA

Sua voz é baixa e, surpreendentemente, entusiasmada

quando fala das recordações de infância, das histórias mais fantásticas de sua família ou de sua pintura. As mãos pequenas de unhas esmaltadas ajudam a criar um clima de agitação em torno de si e repetem com frequência o gesto de serem levadas ao rosto, feito uma criança surpreendida com fogos de artifício.

Não entendia nada de pintura e continua sem entender, sem nunca ouvir falar de problemática da arte. Mas aquele gato azul — O Gato Mentiroso —, pintado às 3 horas da manhã, quando já completara setenta anos, aquilo ela gostava, era bonito, era a primeira pintura que fazia na vida. No outro dia, secretamente, ainda voltara à caixinha e o resultado fôra a lembrança de retirantes, que vira tantas vezes em Iguatu, Ce-

ará, onde nasceu e foi criança. Pouco antes de morrer, Assis Chateaubriand conversava com ela, pedindo, através de gestos, que contasse outras coisas dos tempos de Iguatu.

Com seus olhos azuis e tristes, Grauben manifesta o desejo de que a filha, a pianista Eunice Katunda, toque Clair de Lune, quando ela estiver morrendo. Sobre o piano, uma foto da rainha Fabíola, cumprimentando-a por uma pintura sua, presente do governo da Guanabara. Elizabeth II também tem um quadro seu, oferta do governo brasileiro. Seu entusiasmo, porém, é maior quando recorda ter sido a primeira mulher admitida no Ministério da Agricultura, em 1910, e a primeira a trabalhar para uma revista brasileira — Fon-Fon — em 1912.

